

Links do trabalho de Alexandre Dal Farra

VÍDEOS

- Entrevista para o TREMA festival, em Recife. 2017
<https://www.youtube.com/watch?v=LMgXqcazEZ0>

- Peça completa: *BRANCO: o cheiro do lírio e do formol*
<https://www.youtube.com/watch?v=IVV-0dfn-Tg>

- Peça completa: *Abnegação 1*
<https://www.youtube.com/watch?v=eqLH1-IC7N4>

- Peça completa: *Abnegação 2 - o começo do fim*
<https://www.youtube.com/watch?v=oDYMIyIRCnw>

- Peça completa: *Abnegação 3 - RESTOS*
<https://www.youtube.com/watch?v=XguXjb02CQw>

- Clipe *Mateus, 10*
<https://www.youtube.com/watch?v=SveUkxgJ9sU>

TEXTOS

- Texto de Alexandre Dal Farra sobre sua pesquisa:
<https://revistacult.uol.com.br/home/por-um-teatro-que-coloque-o-mal-em-cena/>

- Crônica política
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/06/1777913-o-trabalho-de-boulos.shtml>

Prêmio Shell de SP destaca montagens feitas por coletivos

Espectáculo "L'Illustre Molière", da Companhia D'Alma, arrebatou três troféus e foi o grande vencedor da noite

25ª edição do evento foi conduzida na noite de terça-feira pelas atrizes Nicette Bruno e Beth Goulart, em Pinheiros

GUSTAVO FIORATTI
DE SÃO PAULO

O Prêmio Shell de São Paulo refletiu a consolidação das companhias estáveis no cenário da capital. A premiação realizada antontem mostrou que têm mais chances de concorrer ao prêmio (e ganhá-lo) os trabalhos propostos por coletivos.

O espetáculo que mais arrebatou prêmios, por exemplo, tem texto escrito a seis mãos: Sandra Corveloni, Lara Hassum e Mateus Monteiro, com base em peças e na biografia de Molière (1622-1673), escreveram "L'Illustre Molière". Dirigida por Corve-

loni, a peça da Companhia D'Alma levou troféus nas categorias melhor ator (Guilherme Sant'Anna), figurino (Zé Henrique de Paula) e música (Fernanda Maia).

Ao lado de "L'Illustre Molière", a peça "Recusa", da Cia de Teatro Balagan, era a outra favorita da noite, com quatro indicações. Acabou levando dois troféus: Maria Thais foi laureada como melhor diretora, e Márcio Mediona, como melhor cenógrafo. A premiação destes dois nomes coloca em evidência não apenas o trabalho de cada um deles, mas a parceria estabelecida há mais de dez anos. Quem acompanhou a trajetória da Balagan sabe como o trabalho de Medina se combina com o de Thais em sistema de coautoria.

O mesmo se aplica à iluminação de Guilherme Bonfanti, vencedor na categoria melhor ator por seu tra-

balho em "Bom Retiro 958 metros". Bonfanti está longe de ser um coadjuvante nas concepções do Teatro da Ver-tigem. Ele é um dos pilares da companhia, ao lado do diretor Antônio Araújo (não mencionado pela premiação).

Além de Araújo, a edição do prêmio deixou de destacar alguns nomes colocados em evidência pela crítica no ano passado. Entre eles, Roberto Alvim e Juliana Galdino, que propuseram dois projetos de fôlego: "Peep Classic Esquilo", encenação das tragédias de Esquilo, e uma mostra de encenações a partir de textos escritos por oito jovens autores. Fez falta.

A cerimônia foi conduzida pelas atrizes Beth Goulart e Nicette Bruno. Mãe e filha, no final da festa, deram voz à homenagem prestada a Ieda Ferreira, camareira com mais de 50 anos nos bastidores do teatro brasileiro.

E O SHELL FOI PARA...

Os artistas que venceram a 25ª edição do prêmio teatral



Autor

Alexandre Dal Farra, por "Mateus, 10"

Direção

Maria Thais, por "Recusa"

Ator

Guilherme Sant'Anna, por "L'Illustre Molière"

Atriz

Lavinia Pannunzio, por "Um Verão Familiar"

Cenário

Márcio Medina, por "Recusa"

Figurino

Zé Henrique de Paula, por "L'Illustre Molière"

Iluminação

Guilherme Bonfanti, por "Bom Retiro 958 Metros"

Música

Fernanda Maia, por "L'Illustre Molière"

Categoria Especial

Lume Teatro, por quase três décadas de pesquisa



O dramaturgo na Avenida Paulista, onde circula o impeto ao protesto presente em sua ficção

O gosto pelo difícil

PROTAGONISTA Alexandre Dal Farra reivindica uma dramaturgia capaz de enfrentar temas polêmicos, como a política e a religião

POR IGOR GIANNASI



EM 6 DE JUNHO, enquanto o dramaturgo Alexandre Dal Farra autografava na Avenida Paulista seu romance de estreia, *Manual da Destruição*, manifestantes contra o aumento da tarifa do transporte público eram contidos pela Polícia Militar com balas de borracha e gás lacrimogêneo. Para o autor de 31 anos, a ocorrência dos dois eventos naquela noite constituiu

“megacoincidência”. Isso porque, a seu ver, os manifestantes guardavam estreita relação com o personagem-narrador de sua obra literária, “um tipo social que reclama de tudo, tem uma raiva generalizada e a sensação de que as coisas estão erradas”.

Contudo, mais do que reverberar vozes das ruas, o *Manual* expressava um desconforto interno, autodestrutivo até, como o autor explica: “Nunca acho que as

coisas ruins estão só fora de mim. Penso que elas também me pertencem e me passam, e lido com elas na arte. Nesse sentido, sempre gostei desta frase do (filósofo alemão Theodor) Adorno: ‘Para subsistir no meio dos aspectos mais extremos e sombrios da realidade, as obras de arte deveriam tornar-se semelhantes a eles!’”

Um dos fundadores do grupo Tablado de Arruar, o paulistano venceu o Prêmio Shell 2012, um dos mais importantes do



Mateus, 10.
Crise que resulta em violência e culpa, à moda de *Crime e Castigo*

teatro nacional, entregue em março deste ano na categoria Melhor Autor, com a peça *Mateus, 10*, seu sexto trabalho na companhia. Ela também foi escolhida como Melhor Espetáculo de Espaços Alternativos pela Cooperativa Paulista de Teatro. Na peça, o desconforto e o incômodo são representados por um pastor, interpretado pelo ator Vitor Vieira, indicado ao Shell pelo papel. Obcecado pela passagem bíblica na qual Jesus renega a família por causa dos discípulos, ele vive uma crise que descamba para a violência e a culpa, à moda de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski.

A figura do pastor apareceu em uma etapa adiantada do processo de criação, sem pretender constituir unicamente uma crítica às igrejas evangélicas brasileiras. A obra baseou-se em *A Sociedade do Espetáculo*, do francês Guy Debord, um texto mal compreendido, a seu ver. "As pessoas não leem o livro dele, apenas o título, e concluem que a sociedade do espetáculo é a da mídia, da televisão, dos shows", diz o autor. "Mas o livro fala do ato de abdicar da existência, de vê-la fora de si mesmo. De colocar a própria vida nas mãos de alguém e deixá-lo decidir as coisas por você."

A premiação fez Dal Farra perceber que suas ideias ganharam maturidade. Agora não se sente marginalizado, preso a um gueto. Mas reconhece que, tanto na literatura quanto na dramaturgia, suas criações

Na peça que lhe rendeu o Prêmio Shell, o incômodo é representado por um pastor

não chegam com facilidade ao público com o qual deseja promover um embate. "Acho muito legal o *Mateus* ganhar essa projeção, porque me parece um texto radical, difícil, e eu gosto quando é difícil. O livro também tem essa característica", diz ele, que vê semelhança entre seu gosto pelo enfrentamento e o do encenador alemão Frank Castorf, um de seus modelos.

Dal Farra acredita que essa disposição ao confronto tenha originado o convite do Grupo XIX de Teatro para escrever o mais recente espetáculo da companhia, *Nada Aconteceu, Tudo Acontece, Tudo Está Acontecendo*. O texto, dirigido por Luis Fernando Marques e Janaína Leite, casada com o dramaturgo, inspira-se na obra-prima de Nelson Rodrigues, *Vestido de Noiva*. Apesar de ter gostado da experiência com o XIX, Dal Farra sentiu-se desejoso de eliminar intermediários entre seu texto e os atores. Isso o fez aproximar-se da direção de *Mateus, 10*, ao lado de João Otávio (que morreu no fim de

2012). Vontade que se intensificou após a experiência de intercâmbio do Tablado de Arruar com a companhia do diretor alemão Tillman Köhler, em 2010.

Na infância, o dramaturgo acompanhava o pai, o ator, músico e preparador vocal Zebba Dal Farra nas Coxias dos teatros e percebia "algo importante" a ocorrer naquele ambiente. Mas o desejo de se expressar artisticamente o fez emveredado pela música em primeiro lugar. Aos 8 anos tocava piano e outros instrumentos. No ensino médio, foi baixista em uma banda com colegas do Colégio Equipe. A fase de adolescente *junkie*, expulso na oitava série da Escola da Vila, viu-se sublimada pela arte. Fez três anos de Filosofia na Universidade de São Paulo, mas deixou o curso para estudar composição e regência na Faculdade Santa Marcelina.

Graças à sua afinidade com a música, recebeu o convite da atriz Alexandra Tavares para ingressar no Tablado de Arruar, em 2001. Assumiu a posição de diretor musical do grupo, que no início realizava apenas espetáculos de rua. O acaso fez com que, na elaboração da terceira montagem, o responsável pela dramaturgia tivesse de se afastar por motivos de saúde. E Dal Farra era aquele *nerd* de óculos que gostava de escrever. No dia em que ele colocou a primeira cena no papel, a atriz a levou para a rua. Para o encantamento do autor, a encenação foi assistida por 50 pessoas. E uma nova maneira de se expressar tomou forma.

Abnegação é o próximo trabalho de Dal Farra no Tablado de Arruar, sob direção de Clayton Mariano, parceiro constante e conselheiro em seus escritos. Ainda em desenvolvimento, com estreia prevista para janeiro, o espetáculo gira em torno da política, um tema tão controverso quanto a religião em *Mateus, 10*. No novo texto, o dramaturgo discute as relações de poder entre aqueles que se distanciaram dos ideais de mudança e abnegaram de seu passado. •

À beira do ataque de fúria

Em romance de estreia, o dramaturgo Alexandre Dal Farra cria narrador raivoso e expõe as tensões da nossa sociabilidade urbana

BETH NESPOLI

Diretor, músico e dramaturgo, o paulistano Alexandre Dal Farra é fundador da companhia teatral Tablado de Arruaz, tem seis peças encenadas - uma delas, *Mathicosi*, foi o vencedor do 25º Prêmio Shell de Teatro de 2012, na categoria autor - e assina o texto final do espetáculo, atualmente em cartaz, na Vila Maria Zélia. Não acontece, *todo acontecido*, tudo está acontecendo, criado em processo colaborativo com integrantes do Grupo XIX. Graduado em música e morando no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, Dal Farra lança agora, pela editora Hedra, seu primeiro romance - *Manual da destruição*.

A literatura do estreaute surpreende pela radicalidade da linguagem e pela desmesura na configuração do narrador único. O impacto começa, já nas primeiras linhas, pela saída da voz do leitor. Interessante que tal publicação interna é extraída de núcleo apenas da observação do comportamento de um passageiro que compartilha um voo de avião e cujos gestos são descritos sob o filtro de um olhar crítico de ferocidade tão exacerbada que chega a beirar o patético. O ritmo inicial é intenso o suficiente para reter a atenção e supera o propósito incômodo provocado pelo jorro de impertinências e, é preciso reconhecer, pela lucidez assustadora do sujeito que narra. O ritmo se altera pouco depois, mas a escrita segue escapando da facilidade. Não há situações encadeadas na tradicional lógica de causa e efeito, nem, ao menos, fragmentos de trama ou vestígios de fabulação, instaurando uma atmosfera sugestiva.

Caberá ao leitor simplesmente compartilhar as observações expressas pela voz de um sujeito que atravessa situações cotidianas no espaço urbano, das quais consegue extrair insights para deixá-lo constantemente à beira de um ataque de fúria. Aos poucos, percebe-se que o grande mérito do romance é dar protagonismo à sociabilidade da cidade de São Paulo - evidentemente não muito diversa de outras urbes socialistas. No texto de contracapa, Ricardo Lúcia cita Dostoiévski e Kafka ao comentar, de forma bastante óbvia, a tradição literária evocada pelo autor. A narrativa tem conexões com a do escritor tcheco Franz Kafka, no recorte do monitroso oculto no cotidiano, e apresenta pontos comuns com a do russo Fiódor Dostoiévski, na agudeza com que diseca o comportamento humano. Porém, se há afinidades - e quem as procura sempre poderá encontrá-las e tecer muitas relações, bastando encostar o ponto de vista -, há também singularidades.

Uma delas reside no uso do desprezo como filtro de observação - não por acaso, não há caixa alta, não há letra maiúscula em todo o livro -, o que produz um potencial de efeito muito interessante de neutralização pela repetição. Ao impregnar a realidade do sarcasmo de uma única e raivosa voz, o autor praticamente obriga o leitor a tentar eliminar, o excesso de subjetividade da paisagem, deixando-a, assim, nua e crua para ser dissecada. Ao descolar do objeto observado a contundência crítica do narrador, torna-se difícil grudar sobre a mesma superfície o sentimentalismo raso do discurso politicamente correto. O que é descortinado depois de tal operação pode análise fria.



Manual da destruição
Alexandre Dal Farra
Editora Hedra
190 páginas - R\$ 35

Sem jamais se dirigir ao leitor, o autor o provoca não apenas pela crítica feroz a comportamentos sociais acertos a ponto de se tornarem invisíveis, mas pelo maneio artífice do idioma. É o que faz, já na primeira linha do romance, com o termo heterossexual, usado para designar um homem cujo comportamento é observado. Em monólogo interior, compartilhado apenas pelo leitor, trata-o por "heterossexual canalha", "heterossexual de merda" e ainda "escroto, asperroto, filho da puta", entre outros xingamentos. O excesso de ira, lançado sobre alguém com quem não se tem qualquer relação, um estranho em convívio fugaz, chega a ser patológico, mas, na tempestade de adjetivação, o termo heterossexual chama atenção como grânito. O deslocamento vocabular remete necessariamente ao termo oposto, homossexual, usado de forma semelhante sem provocar o mesmo estranhamento.

Pulsões violentas

Ao longo do romance, Dal Farra consulta o seu narrador e, com ele, os leitores por ampla geografia cultural dentro da metrópole, desde ONGs em bairros periféricos, frequentadas por trabalhadores amanhados pelo novo evangelismo, nas quais atuam jovens evangélicos, passando por terras invadidas reclamadas pelos detentores de certificados de propriedade, até as grandes avenidas e os espaços de convivência das regiões valorizadas da metrópole. Em todos esses territórios, analisa comportamentos com a mesma contundência crítica da qual nem de próprio escape.

No trânsito dessa figura pela metrópole, é possível detectar a experiência do dramaturgo na escrita literária. Tanto é ao territorial e coerente por excelência, arte do acontecimento em tempo e espaço reais - elementos intrínsecos às artes performáticas, porém sublinhados nas encenações da vanguarda da cena contemporânea na qual Dal Farra milita. A interferência da linguagem teatral pode ser notada ao investimento na potência da matéria e do corpo para a produção de sentido. O narrador foge de evocações e repetições memorizáveis. É sempre no tempo presente que fala sobre os espaços pelos quais transita, por vezes, um caubete na periferia da metrópole paulistana, outras um apartamento da matriz e bem vestida jovem de classe média, e, ainda, um aeroporto. Não há metáforas, apenas um corpo que se desloca e, no seu trajeto, vê, sente, cheira e, em alguns momentos, praticamente se cola ao objeto observado. É a concreção da matéria que atrai o olhar, sejam os movimentos de uma língua que encontra pontos obstaculados em uma boca desdentada, seja o barro que se gruda no tênis pisado ou ainda o balão da malandragem que perfurou sua furta de classe média política/correta. A reflexão crítica é decorrente.

O autor de *Manual da destruição* não finge ser neutro. Cria um ser tão evidentemente comprometido que a nós, leitores obrigados a olhar o mundo através de seus olhos, só resta tentar neutralizá-lo. Como não é tarefa possível, ficamos presos com os fragmentos de realidade filtrados por tal sujeito e acabamos por compreender os motivos que o comportamento dito civilizado e agir movido por pulsões visíveis. A aguda capacidade de ver, aos poucos, corrói a pele psíquica, abrindo caminho para o atarrasamento do mundo pelo seu corpo de nervos expostos.

É difícil ter empatia pelo sujeito que nos conduz nesse romance. O autor faz tudo para impedi-la, porém, o adiantamento não adia, porque inevitavelmente nos reconhecemos na paisagem humana pela qual ele transita. Como é possível viver em um mundo que provoca e justifica a gênese de um romance como *Manual da destruição*? A civilização é a barbárie? É a pergunta que o narrador, que não quer conversa com o leitor, nem com ninguém, faz ressonar após a leitura. Pela temática e pela linguagem, a literatura de Dal Farra remete ao teatro desagradável de Nelson Rodrigues. Uma travessia a ser feita. ■

Beth Nespoli
é jornalista e crítica de teatro

▶ SÃO PAULO, SP

ALEXANDRE
DAL FARRA, 32,
DRAMATURGO

'FALTA CULTURA TEATRAL NA CIDADE'

Autor defende implementação das artes cênicas nas escolas e diz que ausência de público no teatro é um problema

• MARIANA MARINHO

Entre uma passada de mão, vez ou outra, pela barba, o dramaturgo Alexandre Dal Farra fala de forma articulada no CCSP (Centro Cultural São Paulo), onde o seu grupo, Tablado de Arruar, está em cartaz com a peça "Abnegação" (leia na pág. 56).



Parte de uma nova geração de autores paulistanos cujos trabalhos têm chamado a atenção da crítica — ele venceu, em 2012, o Prêmio Shell pelo texto de "Mateus, 10" —, Dal Farra acredita que São Paulo ainda carece de uma cultura teatral.

"Abnegação" é baseada em recentes fatos políticos, como o Mensalão do PT e o Mensalão Tucano?

Há pensamentos meus a respeito do PT, mas não me prendi a isso. Transformei essas sensações em linguagem, porque me importa a maneira como as relações se dão entre as figuras do partido fictício da peça — que mostram a nossa maneira brasileira de lidar com as coisas.

O espetáculo lotou nos primeiros fins de semana, mas a cena teatral ainda reclama da falta de público.

Eu mesmo reclamo disso e acho a falta de público um problema real. [Lotar] foi uma surpresa, mas tem a ver com a projeção de "Mateus, 10", com a peça estar no CCSP, que tem uma circulação maior de pessoas, e com o fato de o tema despertar curiosidade. Porém não renego o que sempre digo sobre a falta de uma cultura teatral.

Como "falta de cultura teatral"?

Acho que não há um costume de ir ao teatro instaurado de forma ampla na sociedade — trata-se de um circuito fechado, fechadíssimo. Estou falando em termos bem simples, quer dizer, costume de ir ao teatro mesmo, como uma opção cultural significativa na cidade.

De que forma se daria a formação de uma cultura teatral em São Paulo?

Para mim essa falta de cultura teatral não é algo natural. Você não pode dizer que é uma espécie de característica do brasileiro. Isso se cria com políticas de Estado. Precisa haver aula de teatro nos ensinos básico e fundamental, as pessoas têm que ler dramaturgia na escola. Porque ver a coisa de dentro é o que gera a vontade de se ver no palco.

A captação de recursos para a sua montagem ocorreu por meio da Lei de Fomento ao Teatro. Você concorda com o atual formato da lei?

O Fomento é o que permite fazer uma pesquisa continuada. O formato da lei é ótimo, acho apenas que é preciso aumentar o orçamento. Mas claro que devem existir mais alternativas municipais de captação de recursos para outros tipos de teatro. O teatro comercial paulitano, por exemplo, vive de Lei Rouanet, que é dinheiro federal. Além do mais, o Fomento fica atrelado apenas ao grupo teatral, o que é um erro.

A figura do dramaturgo perdeu espaço, mas hoje voltou a ganhar força. Por que houve essa mudança?

São 12 anos de Lei do Fomento, que gerou um boom teatral na cidade. Talvez tenha algo relacionado a isso, mas também parece haver uma ligação com o declínio do processo colaborativo, que gerou grandes experiências cênicas, mas não dramaturgias interessantes. Espero que esses dramaturgos consigam transitar entre os nichos teatrais da cidade, porque, se não, constrói-se um feudozinho para se ganhar dinheiro. ★

16h – conférence d'Eloi Recoing : « Les écritures de la marionnette contemporaine ou les métamorphoses de la dramaturgie. » animée par Jean-Pierre Ryngaert

18h00 – lecture *Abnégation*

d'Alexandre Dal Farra (Brésil), texte français d'Alexandra Moreira Da Silva et Marie-Amélie Robilliard, dirigée par Frédéric Sonntag, avec Guillaume Durieux, Philippe Fretun, Alain Fromager, Grégoire Lagrange et Catherine Matisse

20h45 – lecture *The Lonely Soldier Monologues*

de Helen Benedict (USA)

texte français de Marianne Drugeon,



DIRCEU
ALVES JR.

Teatro

Cotações | Péssimo | Fraco | Regular | Bom | Muito bom | Excelente

Vitor Vieira,
Ligia Oliveira e
Amanda Lyra:
discurso religioso
e alienação



Sedução através da palavra

O grupo *Tablado de Arruar* levanta um oportuno debate sobre a fé no drama *Mateus, 10*

AVALIAÇÃO

Para sensibilizar o público, o ator precisa abraçar o personagem e transmitir emoção ao texto. Para encantar multidões, um líder religioso também necessita de carisma ao propagar suas mensagens. Montagem do grupo *Tablado de Arruar*, o drama *Mateus, 10* levanta questões plenamente aplicáveis ao teatro, religião, política ou a qualquer área na qual a sedução pela palavra seja fundamental.

O autor Alexandre Dal Farra, também diretor ao lado de João Otávio, buscou referências dramáticas no conto *Barleby, o Escriturário*, de Herman Melville, e no romance *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski. Ainda apresenta influência bíblica no título, remetendo ao apóstolo Mateus, o coletor de impostos que abandonou a riqueza para seguir Jesus. Diante dessas inspirações, o espetáculo levanta um oportuno debate relativo a culpa, alienação, fé e ao poder da religião para ditar comportamentos. Vitor Vieira personifica o pastor Otávio, um homem que passa a questionar o valor e a verdade das suas pregações. O dizimo lhe parece sujo, e ele planeja desenvolver

uma doutrina própria. Em meio a uma crise pessoal, Otávio enfrenta turbulências com a mulher (a atriz Ligia Oliveira) e perde o controle dos atos, envolvendo-se intimamente com os vizinhos e até em um assassinato.

Em cartaz na Oficina Oswald de Andrade, no Bom Retiro, a peça explora o lugar. O público transita — como fiéis atrás do mestre — por espaços que simulam a casa do pastor, a igreja e até um churrasco na vizinhança. Os diretores aliviam o extremo realismo da encenação e a densidade do texto com episódios tragicômicos, representados pela atriz Amanda Lyra. No bom elenco ainda figuram Alexandra Tavares, Alexandre Quintas e Clayton Mariano, apoios fundamentais para a perturbadora interpretação de Vitor Vieira.

Mateus, 10 (130min). 14 anos. Estreou em 1º/6/2012. Oficina Cultural Oswald de Andrade (40 lugares). Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, ☎ 3221-5558, ☑ Tiradentes. Sexta, 20h30; sábado, 18h. Grátis. Ingressos distribuídos meia hora antes. Até dia 25.

Serviços de venda de ingressos

IC Ingresso.com, ☎ 4003-2330. Cc: todos. www.ingresso.com
IR Ingresso Rápido, ☎ 4005-1202. Cc: D, M e V. www.ingressorapido.com.br
TF Tickets for Fun, ☎ 4003-6464. Cc: todos. www.ticketsforfun.com.br

Pontos de venda de ingressos

TF Auditório Ibirapuera, Bar Brahma, Citibank Hall, Frac, Saravá
Mega Store (shoppings Anália Franco, Center Norte, Eldorado,
Ibirapuera, Morumbi, Pátio Paulista e Vila Olímpia) e Teatro Abril

Cartões de crédito e débito

Cc: A American Express | D Dinners |
M Mastercard | V Visa Cd: M Maestro |
R Rede Shop | V Visa Electron

Simbolos

↳ acesso para deficientes físicos |
☑ metrô a menos de 500 metros

Persistência para se chegar nas profundezas das falsas polêmicas

Acusada de racista, peça 'Branco: o Cheiro do Lírio e do Formol' não pode ser reduzida a passionalidades de redes sociais

Maria Eugênia de Menezes

Em tempo de polêmicas virtuais, os temas de controvérsia se sucedem com rapidez. E o gozo, talvez, esteja justamente nessa velocidade. Tudo passa, nada se mantém. Quanto tempo dedicamos a cada nova contenda nas redes sociais? Na ágora reinventada, é preciso opinar (sempre), é preciso posicionar-se, é mister dizer alguma coisa porque ficar em silêncio equivale a não existir. O ópio da vez é a crença de que a palavra está com todos, de que ter direito a voz significa ter direito a poder. De quem é a palavra?

Branco: o Cheiro do Lírio e do Formol chegou a ser tachado de racista, após sua estreia na MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo. Para a atual temporada no CCSP, há notícia de que algumas cenas seriam sido cortadas e muitos adjetivos foram suscitados no debate sobre as intenções e o resultado da peça. Mas vale deter-se naquilo que o dramaturgo Alexandre Dal Farra tenta esquadriñar: uma busca persistente pelo que se coloca detrás das falsas polêmicas.

A obra, dirigida pelo autor em parceria com a atriz Janaina Leite, revela-se penosa, desconfortável, titubeante em suas escolhas. O processo de criação merece um protagonismo aborrecido – são trazidos fragmentos de textos criados originalmente para o espetáculo e depois descartados, ideias de encenação que não vingaram, colaborações de artistas negros que não puderam ser aproveitadas. Discute-se por qual razão se diz isso e não aquilo. Mas há caráter nessas he-

sitações. Uma honesta declaração de impotência.

Não se trata de sofisma. Os meios tons conciliatórios não mais dão conta da questão racial no Brasil. A violência e o preconceito não são abstrações. Mas fica a sensação de que há verdades que não podem ser simplesmente ditas; há verdades que precisam ser descobertas. Ainda que soe despropositado descobrir o que está às claras. O Brasil assiste a uma transformação, ainda nebulosa: são movimentos identitários – calados pela falácia do país cordial – que exigem a escuta. O que esteve à margem quer ganhar centralidade. E quem estava no velho espaço de senhor do mundo faz o quê? Se o opressor fala do oprimido, do seu ponto de vista, pode estar apenas repetindo estereótipos e preconceitos. Falar sobre a questão do negro – se você não é negro – é racista? Falar sobre a opressão da mulher – se você não é mulher – é machista? A questão é como falar de outro lugar.

Alexandre Dal Farra mira o poder do discurso. Branco é uma peça sobre o lugar de quem diz. A produção do discurso não é livre, mas controlada e distribuída segundo dispositivos de poder. Habitar outro lugar enunciativo não é uma escolha. Solidarizar-se com o outro não é ser o outro. E os limites dessa alteridade se colocam como reflexão aqui. Além dos extensos comentários sobre o processo criativo, a estrutura da obra contempla a história de uma família disfuncional. Um pai, um menino e uma tia conversam na sala sem que isso tenha, aparentemente, nenhuma relação com qualquer questão racial. São brancos, discorrem sobre a venda de um terreno da família e sobre as primeiras experiências sexuais do adolescente. André Capuano e Clayton Mariano surgem como figuras entorpecidas, viscosas. Janaina Leite treme incessantemente, rete-

sada, como se recebesse pequenas descargas elétricas. Seus corpos parecem lugares desconfortáveis, difíceis de habitar.

A atmosfera de violência instaurada por Branco é um traço recorrente na dramaturgia de Dal Farra. Na trilogia *Abnegação*, ciclo de peças iniciado pelo grupo Tablado de Arruar em 2013, contemplava-se a ascensão do PT – Partido dos Trabalhadores – ao poder e sua posterior crise. Isso, contudo, nem sempre foi feito de maneira direta: *Abnegação III*, por exemplo, não chegava a tematizar questões político-partidárias. Antes, tratava de política ao construir episódios de brutalidade e cinismo. A plateia sofria no escuro, como volta a sofrer agora. Nesses trabalhos, há uma angústia inominável no ar. Como se flagrassem o último instante antes da tempestade.

PEPPINO DI CAPRI
E LE CANZONI D'AMORE



20 DE MAIO

Realização
POLADIAN PRODUÇÕES

www.poladian.com.br

Local **ESPAÇO DAS AMÉRICAS**

Ingressos **ingressorápido**
4003 1212

Poladian Produções é uma empresa de entretenimento cultural. Todos os direitos reservados. © 2013 Poladian Produções. Todos os direitos reservados.

Os atores Rafael Lozano (camisa xadrez) e Sergio Pardal



CRÍTICA TEATRO/DRAMA

'O Filho' é peça para ser vista mais de uma vez

Grupo Teatro da Vertigem conquista ótimo resultado em montagem livremente adaptada de texto de Kafka

GUSTAVO FIORATTI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Livremente adaptado de "Carta ao Pai", de Franz Kafka, "O Filho", peça do grupo Teatro da Vertigem em cartaz no Sesc Pompeia, desloca um dos pilares da companhia. Agora é o texto que parece dar caminhos para a encenação, e não o contrário.

Essa hierarquia (ou a tentativa de quebrá-la) está na base do trabalho do grupo, que sempre criou a partir de processos colaborativos. O Vertigem não encena peças escritas fora de seu próprio domínio. O processo de criação é um só, autores, atores e diretores navegam no mesmo barco.

Pois "O Filho" traz traços de um texto mais independente, com ótimo resultado, aliás. A peça de Alexandre Dal Farra retoma, no grupo, discussões fundamentais da dramaturgia contempo-

rânea, especialmente ao compreender e reelaborar novas percepções sobre o que são a memória e a passagem do tempo.

Eis um trecho do texto: "Esse corpo era dela, ela foi a última dona dele. Agora ela deixou ele aqui, virou um tipo de resto".

A palavra "agora" cria ruído com a conjugação do verbo "deixar" no passado. Tal corpo foi já deixado, mas permanece sob o mesmo estado, "um tipo de resto".

Quanto tempo teria passado no intervalo? Com uma profusão de construções similares, o texto de Dal Farra deixa o espectador sem norte.

PASSADO E PRESENTE

Não sabemos, durante a peça, o que é passado e o que é presente. Reverberações do futuro permanecem latentes, como um filho por vir. O tema central, enfim, é a relação entre o masculino e a gestação, com o feminino

ocupando papel secundário.

Há três personagens centrais no espetáculo: com o nascimento de um menino, o pai se torna avô, e o filho se torna pai. O eixo, na história, será o sujeito que está no meio dessa sequência, um homem passando pela história de sua ruína.

A encenação de Eliana Monteiro faz a leitura não de uma memória que vai se desfazendo com o tempo, mas de um acúmulo.

O espetáculo ocupa um galpão, onde o espectador divide espaço com móveis, televisores, colchões, espécie de depósito de objetos e almas. É um trabalho para ser visto mais de uma vez.

O FILHO

QUANDO de qui. a sáb., às 19h30; dom., às 18h30; até 9/8

ONDE Sesc Pompeia - r. Clélia, 93; tel. (11) 3871-7700

QUANTO de R\$ 12 a R\$ 40

CLASSIFICAÇÃO 16 anos

AVALIAÇÃO ótimo ★★★



O silêncio diz tudo

Janaina Leite equilibra razão e emoção no surpreendente documentário cênico *Conversas com Meu Pai*

AValiação ★★★★★

Como atriz do Grupo XIX de Teatro, a paulistana Janaina Leite participou dos espetáculos *Hysteria* (2002) e *Hygiene* (2005) em que os limites de ficção e realidade beiravam o subjetivo. Em seguida, dramatizou o fim de sua relação com o filósofo Felipe Teixeira Pinto em *Festa de Separação* (2010). Na mesma linha do documentário cênico, ela surpreende pelo equilíbrio de razão e emoção ao protagonizar e dirigir **Conversas com Meu Pai**. A montagem ganhou encorpada dramaturgia de Alexandre Dal Farra, ao mesclar fatos reais e não verídicos sem especificar a natureza de cada um, para mostrar o desabafo de uma filha. Em um primeiro momento, o foco recai sobre Janaina e os bilhetes deixados por seu pai, Alair Pereira Leite (1950-2011), que perdeu a capacidade de fala e se expressou por escrito nos seis anos finais de vida. Longe da pieguice, a proposta toma amplitude ao optar pela incomunicabilidade entre as pessoas e, numa fusão de imagens em vídeo e música, Janaina atinge um intenso momento de atriz. O ápice é a cena em que abafada pela canção *Amor Perfeito*, na gravação de Roberto Carlos, a protagonista não pode ser ouvida pela plateia. Esse solo dura mais de três minutos. Surda e muda, assim como o público, ela transcende o teatro (60min). 14 anos. Estreou em 25/4/2014. Oficina Cultural Oswald de Andrade (50 lugares). Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, ☎ 3221-4704, 📍 Tiradentes. Quinta a sábado, 20h. Grátis. Ingressos distribuídos meia hora antes. Até sábado (17).

(316 lugares). Rua dos Irmãos
Vista, ☎ 3289-2358. Sexta a
domingo, 19h30, R\$ 50,00
R\$ 60,00 (sáb.). Bilheteria
a dom.). Cc: D e M. IC. A

Os Azeredo Mais os

Dirigido por João das N
to por Oduvaldo Vian
à cena. A amizade em
senhor de terras desp
soais e ideológicas. C
nilo Caputo, Emerso
racini e outros (80m
Teatro Denoy de O
Rua Rui Barbosa, .
☎ 3289-7475. Sex
domingo, 20h. R\$
abre uma hora an
A estrela estava p

Bar D'Hotel

Com dramaturgia
dia musical rep
mia por meio de
manes, traições
cenas. Sucessos
va de Oliveira
cem na trilha.
Troyano, Serg
os pianistas M
Direção de Ja
Bar D'Hotel
Rua João Ad
Anhangab

e a cunhada, representada por Maria Maya.
(20min). 16 anos. Estreou em 28/3/2014.
Shopping

Peça mostra embates em partido político

“Abnegação 2 - O Começo do Fim” fala de forma agressiva sobre os meandros corruptos da política

› MARIANA MARINHO

Na sexta (24), “Abnegação 2 - O Começo do Fim” chega a São Paulo após estrear no Festival de Teatro de Curitiba. O espetáculo é a segunda parte da trilogia do grupo Tablado de Arruar, que teve início no ano passado com “Abnegação”.

Escrita por Alexandre Dal Farra, a montagem é livremente inspirada no caso de Celso Daniel, ex-prefeito petista de Santo André assassinado em 2002. O espetáculo mostra as transformações sofridas por um contraditório partido político de esquerda que, em um momento de ampliação política em âmbito nacional, acaba sendo conivente com dinâmicas criminosas.

Jorge (Vitor Vieira) nega-se a continuar com uma lógica corrupta que ele próprio ajudou a instalar. A recusa torna-se um empecilho não apenas para sua ascensão profissional, mas também para sua vida.

À história central são intercaladas cenas de violência cotidiana, que aparecem como camadas da peça.

Apesar de seguir com a pesquisa de linguagem iniciada em “Abnegação”, o novo espetáculo é ainda mais radical. Não há silêncios, frases cifradas e sutilezas. “A verdade vem esfregada por meio do texto”, conta Clayton Mariano, que divide a direção com Dal Farra.

As barbaridades faladas pelos

personagens não estão presentes em suas ações, que são narradas por uma voz em off. As imagens agressivas, que tocam em questões sexuais, por exemplo, são concretizadas pelas falas.

Porém, ao lidar com esta realidade bruta e sem tratamento, eles acabam experienciando elementos performativos. “É uma forma de explosão. Ficamos olhando cruamente para a realidade sem acreditar que há um caminho claro para as coisas que são boas. A ideia é que a peça afete mais do que a realidade em si, já que nos tornamos imunes a ela”, diz Alexandre Dal Farra.

Oficina Cultural Oswald de Andrade. R. Três Rios, 363, Bom Retiro, região central, tel. 3221-5558. 60 lugares. Qui. a sáb.: 20h. Até 13/6. Retirar ingr. 30 min. antes. GRÁTIS |  | 

Os atores Lígia Oliveira (à esq.), Vinicius Meloni, Alexandra Tavares e Vitor Vieira (no chão)



Espetáculo usa fato político para tratar de violência e medo

'Abnegação 2 - O Começo do Fim', do grupo Tablado de Arruar, faz alusão ao assassinato do prefeito Celso Daniel

Annelize Tozetta/Divulgação

Montagem é a segunda parte de uma trilogia da companhia paulistana; terceira peça deve falar do nascimento do PT

MARIA LUÍSA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

Segundo espetáculo de uma trilogia do grupo paulistano Tablado de Arruar, "Abnegação 2 - O Começo do Fim" parte de um fato recente da política brasileira para falar da violência e do medo.

Enquanto "Abnegação 1" (2014) era inspirado pela atual conjuntura do PT — e mostrava, de forma crítica, as relações dentro de um partido de esquerda ligado a altas esferas do poder —, no novo espetáculo, que estreia nesta sexta-feira (24) em São Paulo, a história se passa nos anos de 2001 e 2002.

Nela, um personagem se revolta com a política dentro de um partido e, por estar em desacordo com o restante do grupo, é perseguido.

A trama faz clara referência ao assassinato, em 2002, de Celso Daniel (PT), então prefeito de Santo André (Grande São Paulo): no espetáculo, uma gravação comenta o caso real, ainda não solucionado. Segundo a polícia, Daniel foi sequestrado por uma quadrilha que o confundiu com outra pessoa. Mas a família sustenta que o crime tem relação com esquema de arrecadação de propina para o PT.

E, ao contrário da primeira montagem, em que as frases não eram terminadas e as intenções ficavam subentendidas, em "Abnegação 2" tudo é explícito e violento: seja na agressividade do que é dito, seja na fúria das ações.

"Ficamos pensando qual a melhor forma de encarar o medo", diz Alexandre Dal Farra, dramaturgo e codiretor da peça. "É quisemos encará-lo de frente e mostrar uma sen-

Os atores Lígia Oliveira (em pé) e André Capuano em cena da peça



sação de desamparo."

A montagem intercala a história de Jorge com cenas em que o tema é apenas a violência. Nestas últimas, os atores permanecem estáticos, e a crueza está nas palavras.

Em outros momentos, os fatos são narrados, sem que os atores precisem agir para contar a história. "Percebemos como o texto às vezes tinha mais força que a ação", diz Clayton Mariano, que divide a direção com Dal Farra.

A terceira peça, prevista para 2016, deve tratar da formação do PT, nos anos 1980, um momento, comenta Mariano, em que o sentimento de esperança e de utopia era bastante forte.

Nascido em 2001, o Tabla-

do de Arruar começou sua trajetória com montagens de rua. Aos poucos, o texto ganhou mais força nos trabalhos do coletivo, em especial pela figura de Dal Farra, que se firmou no papel de dramaturgo da companhia em 2005.

De sua autoria, a peça "Mateus, 10" recebeu os prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Shell-SP de melhor texto em 2012.

ABNEGAÇÃO 2 - O COMEÇO DO FIM

QUANDO qui. a sáb., às 20h; até 13/6

ONDE Oficina Cultural Oswald de Andrade, r. Três Rios, 363, tel. (11) 3222-2662

QUANTO grátis

CLASSIFICAÇÃO 16 anos



Da esq. para a dir.: Paulo Celestino, Ronaldo Serruya, Juliana Sanches, Rodolfo Amorim e Bruna Betito nas ruínas da escola abandonada onde é encenado o espetáculo 'Teorema 21'

Crítica de Pasolini à burguesia é narrada em palco destruído

Grupo XIX encena adaptação teatral de 'Teorema', do cineasta italiano, em escola abandonada há 60 anos

Espectáculo brasileiro faz atualização da história de uma família que tem seu cotidiano abalado após a vinda de um estrangeiro

MARIA LUÍSA BARSANELLI
EDITORA-ASSISTENTE DA "ILUSTRADA"

Crítico do capitalismo, Pier Paolo Pasolini (1922-1975) usou de alegorias matemáticas para esmiuçar a burguesia em seu "Teorema", filme de 1968 que no mesmo ano ganhou uma versão em livro do próprio diretor.

Se não um estudioso das ciências exatas, o cineasta e escritor italiano buscava no universo dos números uma equação — na matemática, teoremas são proposições que podem ser demonstradas por um processo lógico — para desvendar o que ele considerava os problemas da sociedade contemporânea.

Problemas que ganham ares brasileiros em "Teorema 21", adaptação teatral da obra que o Grupo XIX estreia nesta sexta (22), em São Paulo.

"Queríamos discutir o capital", explica o diretor Luiz Fernando Marques. "Porque agora só se fala em crise, e a gente tem a sensação horrível de que essa crise pode colocar o Brasil para trás."

O filme e o livro de Pasolini criam um retrato crítico da burguesia a partir da his-

tória de uma família que retorna ao seu antigo lar. Tudo parece estável até a chegada de um estrangeiro. Sua presença é uma provocação, como se desvendasse o moralismo e desequilibrasse a frágil estrutura da casa.

INGENUIDADE

A versão do XIX se aproxima mais da frieza analítica presente no livro do italiano — o filme tem tom mais contemplativo. E tenta transpor aquele teorema para o século 21 e para a realidade nacional.

"O retrato de Pasolini existiu na Europa, mas traz um sonho da esquerda de que a burguesia seria frágil. Talvez não exista mais essa ingenuidade", afirma Alexandre Dal Farra, que assina a dramaturgia.

Na peça, mudam as perturbações causadas pelo estrangeiro, explica Marques. A moral do sexo, por exemplo, conceito forte na obra do italiano, dá lugar a outros temas, como a violência e o cinismo.

"Agora a percepção é a de que o capital pode se adaptar. O estrangeiro é modificado pela família", diz Dal Farra.

Integrante da companhia Tablado de Arruar, o dramaturgo faz aqui a sua segunda parceria com o XIX — a primeira foi em 2013, com "Nada Aconteceu, Tudo Acontece, Tudo está Acontecendo".

Para atualizar a trama, o grupo buscou também referências em outras obras. Ca-

so do derradeiro filme de Pasolini, "Saló ou 120 Dias de Sodoma", de "Violência Gratuita" (1997), de Michael Haneke, e "Dente Canino" (2009), de Yorgos Lanthimos.

"São trabalhos que têm como pano de fundo algum tipo de fascismo, um tema sobre o qual Pasolini falava muito em seus últimos anos", comenta o dramaturgo.

A peça é encenada dentro de um imóvel abandonado no qual funcionava, até 1953, uma escola para meninas.

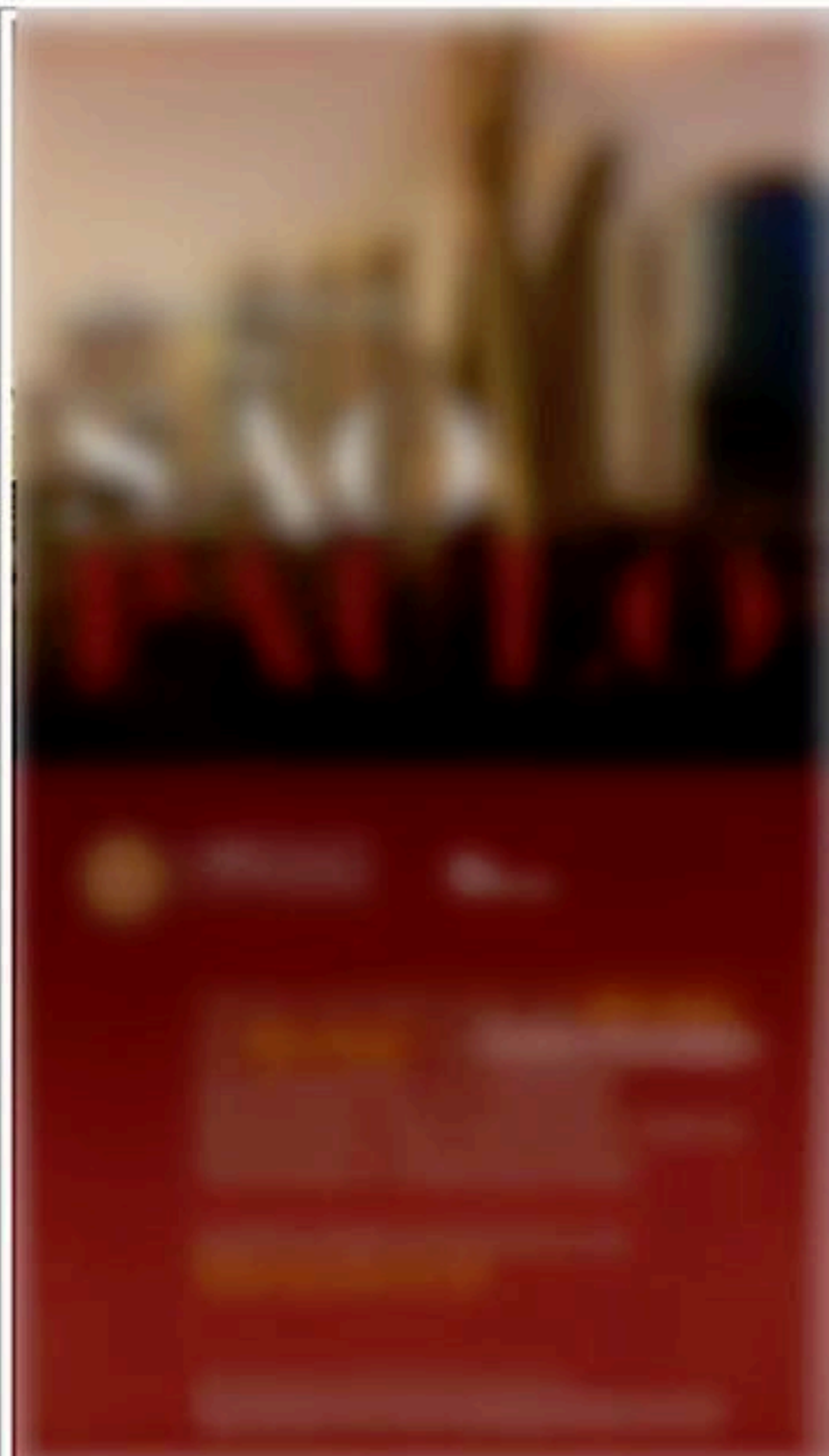
O endereço fica na Vila Maria Zélia, uma antiga vila de operários na zona leste paulistana onde está instalada a sede do XIX, grupo que se firmou, entre outros, pela exploração de prédios históricos.

Em ruínas, já sem teto e tomada pelas árvores, a escola é o único cenário do espetáculo. "É um espaço cru, que se impõe", comenta Marques. Só foram acrescentados ao local os bancos de couro giratórios nos quais se senta a plateia.

Não se trata de uma peça interativa, explica o diretor, mas o público é inserido na cena. "A gente provoca a plateia nesse papel de testemunha: faz cenas muito de perto e outras muito de longe."

TEOREMA 21

QUANDO sex. a dom., às 18h; até 5/3
ONDE Vila Maria Zélia, r. Mário Costa, 13, tel. (11) 2081-4647
QUANTO grátis
CLASSIFICAÇÃO 18 anos



7 O trabalho de Boulos

São Paulo, 1999



ALEXANDRE DAL FARRA

ESTUDÁVAMOS NO Equipe. Ali, algo parecia estranhamente nos unir. Era uma sensação difusa de estar em um colégio que tinha sido um dos principais focos de resistência da classe média de esquerda durante a ditadura. Nós nos sentíamos parte disso que, ao mesmo tempo, já era quase nada. Disse quase. Não poucas vezes escutei colegas, adolescentes, excitados e perdidos como eu, talvez menos informados, dizerem que gostariam de ter nascido na década de 1960. Eu já dizia que não, que era absurdo: não se podia ter saudades de nada que se pudesse ligar ao golpe. E eu estava certo.

Mas no fundo do meu peito eu entendia o que esses colegas sentiam. Enquanto escutava Caetano Veloso no "walkman" e caminhava na Marginal Pinheiros fumando um baseado eu sabia. Esses colegas aí obviamente não sentiam falta da ditadura em si. Eles sentiam falta de ser contra a ditadura; de fazer realmente parte de algo que, para nós, era só um tipo de memória, da qual restava somente uma herança algo triste e fora de lugar, que sentíamos sem saber direito, enquanto tomávamos sol no pátio do colégio, deitados pelos bancos, naquela época estranha em que os restos dos hippies ain-



Comunicado de desfiliação partidária do PCB assinado por Guilherme Boulos e Alexandre Dal Farra em 2000

da não tinham se transformado no ultralucrativo mundo hipster. Sim, sentíamos falta de alguma coisa.

Foi nesse contexto que conheci Guilherme Boulos. Ele não era um de nós. Definitivamente. Ele não sentia aquela falta. Ele já tinha toda a clareza, que em parte nós também intuíamos, de que a desgraça de hoje bastava. A primeira memória clara que tenho dele é já

na sede do PCB, em agosto de 1999, na rua do Carmo, em uma reunião da UJC (União da Juventude Comunista), em que eu balbuciava algo mal estruturado e estranho sobre as minhas dúvidas quanto à possibilidade de me filiar ao partido.

Ele me observava indiferente, esperava que eu terminasse rápido de falar para colocar os pontos importantes da pauta, as ações que

havia pela frente, junto aos movimentos sociais, enquanto assoava o nariz constantemente e segurava um rolo de papel higiênico. Ele passava as noites lendo, se preparando. Enquanto nós líamos até bastante, uns mais, outros menos, ao mesmo tempo em que cantávamos, andávamos por aí, usávamos diversas drogas, desorganizávamos as nossas cabeças proposi-

Acervo Pessoal

O PCB, dessa forma, tem seu dia cotidiano. Adoro enquanto empresa está em vias de falência. O estado de parafusão a que foi conduzido pode levá-lo a apenas duas soluções: à sua dissolução, sua total e inevitável desintegração histórica, mesmo como supremo representante da mediocridade e da miséria política, como qualquer espectro da interpretação metafísica e dogmática da filosofia revolucionária; ou à sua incorporação por uma organização espontânea maior e mais eficaz, no caso, o PC (sic) do B, que é o destino a que ele mesmo se propõe. E, portanto, latente seu fim. O PCB, que para alguns oferece uma perspectiva ideal, não me oferece nenhuma perspectiva revolucionária real. A forma histórica não deixará a acontecer e, reconhecido, deve ser cravado de forma histórica e política. Salvo do PCB para entrar no processo histórico, para tentar as condições de produzir prazos comunistas.

São Paulo, 31 de julho de 2000.

Subscritores de Comunicado:

André Conti (São Paulo)

Alexandre Dal Farra (São Paulo)

Arturo Carlos (Campinas)

Carla Helena (São Paulo)

Daniel Jurecki (São Paulo)

David Guedes (São Paulo)

Edson Menezes (São Paulo)

Emiliano Lira (São Paulo)

Guilherme Boulos (São Paulo)

Italo Lello (São Paulo)

Luiz André Faria (São Paulo)

Maria Gabriela (São Paulo)

Márcio Abílio (Campinas)

Rosana Albuquerque (São Paulo)

Rodrigo Mourão (São Paulo)

Rui Lira (São Paulo)

Flávia Mourão (São Paulo)

ONS: Sr. "comunista", apesar de ser o maior e o maior em Comissão Diretora de legitimação de São Paulo, se qual foi entregue em "Comissão de disciplina partidária", assinado por 19 militantes, em 17 de setembro de 1999.

talmente, o Boulos se preparava.

Nós também nos preparávamos, provavelmente, de outras formas, sem tanto método talvez, e para outras coisas. Mas algo nele era diferente. Ele dava sempre muito pouca importância a si mesmo. Enquanto eu sentia o tempo inteiro muita culpa pelos meus privilégios (ao mesmo tempo em que os vivia intensamente de maneira autodestrutiva e extrema), ele simplesmente os tornava úteis.

Em um tipo de metáfora involuntária, meio inconsciente e estranha, que foi como essa fala curiosa sempre me soou, Dilma Rousseff disse, há algum tempo, que por trás de toda criança tem uma figura oculta, que é a de um cachorro. No caso, sempre imaginei um cão raivoso, rosnando baixinho, procurando se conter. Esse cachorro agora, ao que parece, saiu da sombra e podemos olhá-lo de frente, encarar os seus dentes, as gengivas que ele nos mostra.

É diante desse cão que podemos nos perguntar novamente e talvez suspeitar que, naquela época em que fantasiávamos sobre a vida na ditadura, não sentíamos falta de algo, mas sim, justamente, sentíamos a presença de algo, escondido. Esse algo veio à tona. É nesse contexto, quando tudo está claro e terrível, que precisamos todos urgentemente aprender a nos tornarmos úteis. ←

Ontem e hoje DE OLHO NO CICLO POLÍTICO DO PAÍS

Cia. do Latão e grupo Tablado de Arruar refletem sobre a relação entre esquerda e poder em diferentes momentos da História

LUÍZ FELIPE REIS
luiz.reis@oglobo.com.br

Em um contexto de desilusão generalizada com a política, duas companhias vindas de São Paulo se utilizam de diferentes abordagens, em forma e conteúdo, para investigar a ascensão e a queda de um projeto político de esquerda. E, com elas, a fé e a descrença na política como ferramenta para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora do país.

Com uma trajetória de 21 anos e um sólido repertório de peças que refletem criticamente sobre a sociedade atual, a Cia. do Latão apresenta a partir de hoje, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), sua mais recente montagem, "O pão e a pedra", escrita e dirigida por Sérgio de Carvalho. Já o grupo Tablado de Arruar, em atividade desde 2001, traz pela primeira vez ao Rio quatro peças de seu repertório: a trilogia "Abnegação" e o espetáculo "Mateus, 10", que serão apresentados a partir de hoje no Sesc Copacabana.

"O pão e a pedra" viaja no tempo para recriar a grande greve do ABC, de 1979, de onde saíram algumas das principais lideranças que fundaram o Partido dos Trabalhadores no ano seguinte. Já o Tablado de Arruar se atém ao presente. A trilogia "Abnegação" investiga justamente o declínio do partido após assumir o comando do país. E "Mateus, 10" oferece um olhar sobre a ascensão das igrejas neopentecostais no país.

— Na nossa peça observamos de que modo diferentes forças e movimentos, como o sindicalismo, a Igreja progressista e a militância estudantil, se uniram numa greve e numa luta que mudou as coordenadas da política de esquerda no país — diz o autor e diretor de "O pão e a pedra". — É uma peça sobre transformação. Os personagens passam por um aprendizado político. Suas vidas são alteradas por essa greve. Mas essas mudanças estão ligadas a um aprendizado prático, não só ao nível da consciência. Ou seja, eles aprendem que é preciso se colocar no lugar do outro, ouvir e se unir ao outro para avançar junto, tomando a defesa dos pobres.

Em cena, nove atores representam as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores envolvi-



dos na greve de 1979. No primeiro ato acompanham-se os 15 dias iniciais de máquinas paradas. No segundo, os 45 dias de "trégua" e negociações até o fim da greve. Entre pressões internas e externas, os personagens buscam um meio de organizar e equalizar suas diferenças em prol de interesses comuns; melhores salários e condições de trabalho e de vida.

— São grupos tentando sair de suas posições e de seu isolamento, tentando lidar com suas diferenças, para encontrar um lugar comum. Porque, em comum, há uma crítica à ordem do capital — diz Carvalho. — Eles buscam o outro para tecer uma união política. Acho que é isso que falta hoje, não só à esquerda. As pessoas estão acomodadas demais com a vitória do capital, com oito homens concentrando para si uma riqueza equivalente à renda de 3,6 bilhões de pessoas.

Em "O pão e a pedra", a trama se desenvolve em torno do caso de uma mulher operária que decide se disfarçar de homem a fim de melhorar de vida, o que abre a possibilidade de reflexão sobre a situação feminina tanto no ambiente fabril do passado quanto nas relações de trabalho

no mundo contemporâneo. Mesclando material documental, filmes e entrevistas com textos ficcionais e uma trilha sonora original, o diretor almejou construir uma obra, ao mesmo tempo, política e lírica.

— Os atores fazem de peito aberto — diz o diretor. — A partir da questão de fundo, de uma greve, a peça trata da responsabilidade que temos sobre o nosso tempo. A greve ensina aquelas pessoas que o tempo delas não deve ser domesticado, que elas podem ser responsáveis pelo tempo delas.

Já o Tablado de Arruar investiga o declínio do projeto político iniciado no primeiro governo de Lula e encerrado com o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Em "Abnegação I" (de hoje a domingo) quatro personagens ligadas ao poder se reúnem para debater um acontecimento misterioso, que a plateia, ou a sociedade, não chega a saber qual é. Em sua forma, a peça dá conta "do modo como as coisas acontecem na política do Brasil", diz o autor e diretor Alexandre Dal Farra. Já "Abnegação II" — O começo do fim" (de 26 a 29 de janeiro) torna claro o que a peça anterior oculta: a morte do ex-pre-

Ascensão e queda. "O pão e a pedra" (acima), da Cia. do Latão, tem a greve do ABC como pano de fundo; "Abnegação I", do Tablado, abre trilogia sobre a esquerda no poder

feito de Santo André Celso Daniel é o ponto de partida de uma trama que propõe reflexões sobre a relação entre a política institucional e a violência no estado. Por fim, em "Abnegação III — Restos" (de 2 a 5 de fevereiro), observa-se uma sociedade em colapso, após sucessivos governos de esquerda cujas estratégias de inclusão social passavam fundamentalmente pelo incentivo ao consumo.

— A trilogia "Abnegação", como um todo, acompanha uma trajetória de declínio. Há algo que parece estar presente em todas as peças, algo que se liga à questão da crença — conta Dal Farra. — Chegamos ao fundo do poço da sensação generalizada de que nada tem como mudar dentro desse esquema, dentro dessa estrutura. Esse tipo de sensação reflete uma falta total de legitimidade. Falta de crença. Deixamos de acreditar no nosso sistema político há muito tempo.

SEM ILUSÃO NEM AUTOCOMPLACÊNCIA

Segundo o autor, que partilha a direção com Clayton Mariano, a própria forma de cada trabalho acompanha "esse declínio real".

— No último trabalho buscamos olhar para a sociedade que todo esse processo deixou — afirma. — Olhar para o que restou desse declínio, quem são os filhos desse mundo. Procuramos olhar para algo que vivemos e pensar sobre as consequências disso. Para pensarmos num futuro à esquerda, é crucial, antes, olhar para o passado e para o presente. Nosso futuro vai nascer desse olhar para nós mesmos, sem nenhuma ilusão, sem nenhuma autocomplacência. Esse é o intuito das peças. ■

"O PÃO E A PEDRA"

ONDE: CCBB — Rua Primeiro de Março 66, Centro (2006-2020).

QUANDO: Qui. a dom., às 19h30m. Até 13/2. QUANTO: R\$ 20.

CLASSIFICAÇÃO: 16 anos.

"TRILOGIA ABNEGAÇÃO" E "MATEUS, 10"

ONDE: Sesc Copacabana — Rua Domingos Ferreira 160

(2547-0156). QUANDO: Qui. a sáb., às 21h; dom., às 20h.

"Abnegação I" (de hoje a dom.); "Abnegação II" (de 26 a 29/1).

"Abnegação III" (de 2 a 5/2); e "Mateus, 10" (9 a 12/2). QUANTO:

R\$ 25. CLASSIFICAÇÃO: 16 anos.

Teatro 'Mateus, 10'

A fé que move o terrível

O que acontece se um pastor evangélico resolve levar a sério e ao extremo as passagens bíblicas que prega? Uma resposta possível está em "Mateus, 10", espetáculo com que o grupo paulistano Tablado de Arruar encerra, neste fim de semana, sua ocupação no Sesc Copacabana (nas últimas semanas, a companhia apresentou no teatro sua "Trilogia Abnegação", três peças sobre as relações de poder).

Na peça de Alexandre Dal Farra (que recebeu pelo texto, em 2012, o prêmio Shell), Vitor Vieira interpreta um pastor obcecado pelo capítulo 10 do livro de Mateus. Em seu delírio, ele entende que, em uma transposição para a realidade da passagem em que Jesus diz não ter vindo trazer a paz e sim a espada, é preciso usar a violência para levar a fé às pessoas.

— Existe um senso comum de que os pastores de igrejas neopentecostais trabalham para tomar o dinheiro das pessoas. Mas o personagem da peça não é cínico,

nem aproveitador. Ele é sincero e se aproxima do público em seu discurso, as pessoas se pegam concordando com ele — diz Dal Farra, apontando referências da peça às obras "Crime e castigo", de Fiodor Dostoi-evski (na presença de um homem que também quer matar para mudar o estado de coisas), e "Bartleby, o escrivão", de Herman Melville (com ações, executadas por diferentes personagens, não compreendidas em termos do humanismo e razoabilidade).

Dividido em nichos com poucos elementos e separados pela iluminação, o cenário aposta em um clima intimista e soturno. Bem no tom do espetáculo, que, segundo Dal Farra, é sobre o mal, o terrível.

— O assunto de fundo é a ditadura, o que nos restou desta violência que nos formou e nos constitui — conclui. (Paula Lacerda)

ONDE: Sesc Copacabana (Mezanino). Rua Domingos Ferreira 160, Copacabana (2547-0156). **QUANDO:** Qui a sáb, às 21h. Dom, às 20h. Até domingo. **QUANTO:** R\$ 25. **CLASSIFICAÇÃO:** 16 anos.





Derzeit keine Termine
verfügbar

< 1 von 3 >

Haut aus Gold

Alexandre Dal Farra / Tine Rahel Völcker
Brasilianisch - deutsches Theaterprojekt



2.15h, 1 Pause

BESETZUNGSLISTE | DETAILS EINBLENDEN ▾

Martha Kiss / Ligia de Oliveira / Alexandra Tavarez / Antje Trautmann / Clayton Mariano / Kai Meyer / Felipe Riquelme / Vitor Vieira

Regie **Tilmann Köhler**, Bühne **Karoly Risz**, Kostüm **Gilvan Coelho de Oliveira**, Musik **Jörg-Martin Wagner**,
Produktionsleitung **Senia Hasicevic**

Ein Perspektivwechsel von Tablado de Arruar (São Paulo) in Koproduktion mit dem MGT Berlin. Unterstützt vom Goethe-
Institut São Paulo und München.

Übersetzt von Senia Hasicevic und Alexandre Krug

Deutschland im Spiegel brasilianischer und Brasilien im Spiegel deutscher Wahrnehmung: Die Autoren Tine Rahel
Völcker und Alexandre Dal Farra schreiben den Medea-Mythos neu. Dal Farra entwickelt in seinem Text über die Reise
der Argonauten "deutsche Figuren" und Tine Rahel Völcker eine "brasilianische" Medea.

Impressum AGB Technik

© 2014 Maxim Gorki Theater

Economizador de Energia do Safari
Clique para Iniciar o Plug-in do Flash

PICASSO

Qual é o seu nível de
Embromation em viagens?

DESCUBRA JÁ!



Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher Shopping

BUSCAR

na Cult

na Web

Edições

Marcia Tiburi

Renan Quinalha

Wellington Andrade

Oficina Literária

Espaço CULT

Loja CULT

WELINGTON ANDRADE

Cena Contemporânea

Desfamiliarização e política

“A origem social do indivíduo (a família) revela-se no final como a força que o aniquila”
Adorno, a respeito de *A metamorfose*

Antônio Petrin e Sérgio Pardal em “O filho” (Foto: José Cardoso)

Há cerca de duas décadas, o Teatro da Vertigem vem ocupando insólitos lugares públicos na cidade de São Paulo a fim de instaurar nesses espaços uma teatralidade radical, de alta voltagem política, disposta a levar o espectador-cidadão a perceber os novos usos que se podem fazer de uma igreja, um hospital e um presídio desativados, um rio fétido que atravessa invisível o espaço urbano, as ruas de um bairro vitimado pelo desregramento do mundo capitalista, a fachada envidraçada de um edifício em reforma, uma passagem subterrânea no centro da capital... – todos eles territórios de uso/desuso público “profanados” (no sentido que propõe Giorgio Agamben), assim, pela prontidão crítica que tem pautado não somente o trabalho do grupo liderado por Antonio Araújo, como também o de inúmeros outros coletivos paulistanos.

[MONTE DE LEITURAS: blog do Alfredo Monte](#)

30/07/2013

O romance-manifestação: “Manual da Destruição”, de Alexandre Dal Farra

Arquivado em: [Livros que eu indico](#) — alfredomonte @ 11:07

Tags: [alexandre dal farra](#), [angry young men](#), [blog do alfredo monte](#), [literatura lusófona](#), [manual da destruição](#)

1 Vote



ESBOFETEANDO HELENA

Grupo sai de dentro do teatro e apresenta peça pastelão em ruas e praças de São Paulo

25.06.2010 | Texto: **Diogo Rodriguez** | Fotos: **Wellington Cordeiro**

Wellington Cordeiro



Jack invade um bar durante a peça

Ao invés de cadeiras numeradas, bancos baixos de plásticos alinhados em uma única fileira. No lugar do palco elevado, praças no centro de São Paulo. Antes de a peça *Helena perde perdão e é esbofeteada* começar, os atores se preparam na frente de todos, pois não existe camarim ou coxia. Uma vez iniciado o espetáculo - uma mistura de novela, comédia pastelão e teatro de rua - é impossível saber onde a ação vai parar. Escrita por **Alexandre Dal Farra**, e encenada pelo grupo [Tablado de Arruar](#), a peça se mistura ao público, à rua e aos barulhos da cidade. Tudo vira elemento cênico: o boteco da esquina, a porta do banco, a ambulância que passa por acaso na rua. O público quase todo fica em pé, e é composto por pessoas habituais ao teatro, mendigos, garotos que pedem dinheiro. Algumas pessoas dialogam com os personagens como se estivessem na sala de casa vendo televisão. A Trip conversou com o autor da peça, em São Paulo, que contou um pouco de suas inspirações para o texto.

Por que a peça está na rua?

O grupo começou com teatro de rua, em 2001. Éramos moleques, queríamos fazer teatro para a galera, falar com o povo. Começamos com essa linguagem, [Comédia Dell'Arte](#), palhaços, mas



Cena de "Pele de Ouro - Novos Argonautas", montado pelo grupo Tablado de Arruar em cooperação com diretor e atores alemães, estreia em São Paulo

Peças unem teatro alemão e brasileiro em SP e Rio Preto

"Pele de Ouro" entra em cartaz na capital e "FatzerBraz" estreia no 10º FIT, que começa hoje

Espetáculos misturam dramaturgia alemã pintada no texto e na fala com ênfase gestual do teatro brasileiro

MARCOS GRINSPIUM FERRAZ
DE SÃO PAULO

Um dos espetáculos une uma companhia brasileira a atores alemães. O outro une um grupo alemão a atores brasileiros.

Ambois estreiam essa semana no Brasil — um em São

Paulo e o outro no festival de São José do Rio Preto (FIT), que começa hoje —, propondo diálogos entre a força do texto e da fala na dramaturgia alemã e a ênfase gestual no teatro brasileiro.

"Pele de Ouro - Novos Argonautas" tem como base a companhia Tablado de Arruar e reúne textos do brasileiro Alexandre Dal Farra e da alemã Tine Völcker.

Com direção de Tilmann Köhler e participação de atores de Berlim, a peça tem como motor o contato entre os grupos dos dois países e a

ideia do "olhar sobre o outro", como diz Dal Farra.

Assim, além dos textos trazerem as impressões de um dramaturgo sobre o país do outro, jogos com as línguas são constantes, numa mistura de falas em português, alemão e inglês, sempre com tradução direta.

"A união se deu mais por um desejo de contato do que por uma afinidade de linguagem teatral", diz Dal Farra. Isso porque, assim como o produtor Matthias Pees — que está por trás dos dois projetos junto ao Sesc e ao

Goethe Institut —, ele diz ver no teatro alemão uma formação muito mais calcada no texto do que no Brasil.

"Eles têm muita técnica na fala. O ator brasileiro usa mais o corpo, mas parece que fala menos na cara."

BRECHT EM RIO PRETO

"FatzerBraz", que franqueia ao público do FIT seu processo de criação, tem como base a companhia alemã andcompany&co e trabalha texto de Bertolt Brecht — ressaltando nele, segundo Pees, aspectos "tropicalistas" já

presentes na obra do alemão.

O grupo de Berlim, que costuma usar música e artes plásticas em suas performances, recontextualiza "Fatzer", do jovem Brecht, que se passa, originalmente, durante a Primeira Guerra.

PELE DE OURO - NOVOS ARGONAUTAS

QUANDO de qui. a sáb., às 21h, e dom., às 18h; até 26/7

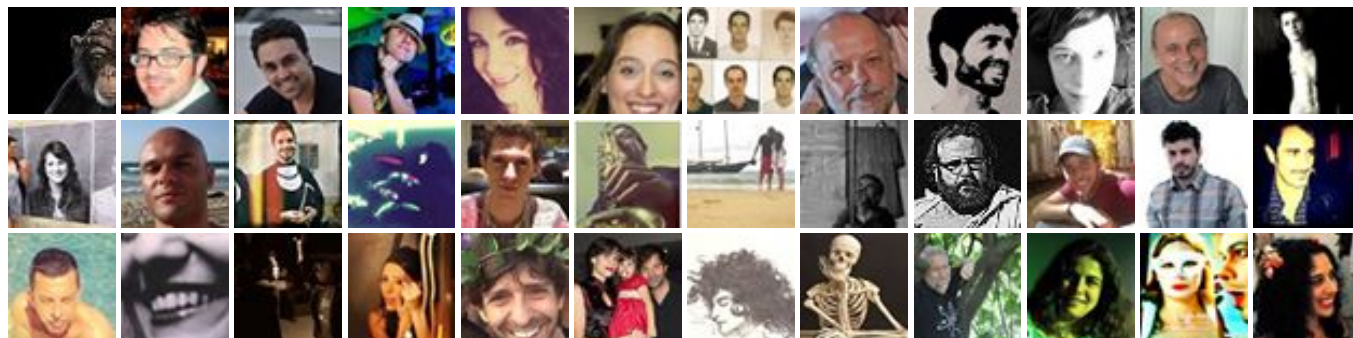
ONDE Sesc Pinheiros (r. Paes Leme, 195, tel. 0/xx/11/3095-9400)

QUANTO de R\$ 4 a R\$ 16

CLASSIFICAÇÃO 14 anos

**Aplauso Brasil**

Curtir

3.477 pessoas curtiram **Aplauso Brasil**.

APLAUSO BRASIL

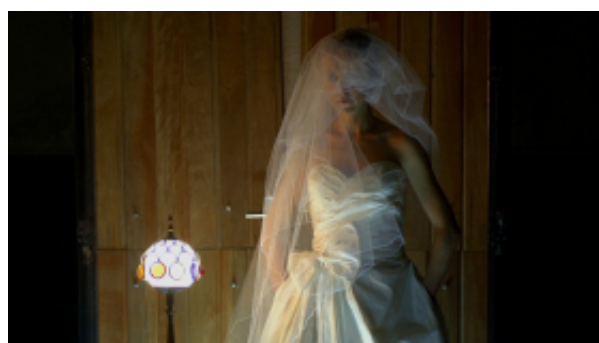
DESTAQUE, MATÉRIAS

GRUPO XIX ESTREIA ESPETÁCULO GRATUITO BASEADO EM VESTIDO DE NOIVA

27 DE ABRIL DE 2013 | MICHELFERNANDES | DEIXE UM COMENTÁRIO

Redação do Aplauso Brasil (redacao@aplausobrasil.com.br)

SÃO PAULO – *Nada aconteceu, tudo acontece, tudo está acontecendo* estreia quinta (2), 18h, na Vila Maria Zélia, sede do grupo.. A criação e a pesquisa são assinadas pelos seis integrantes do Grupo XIX de Teatro: Janaína Leite, Juliana Sanches, Luiz Fernando Marques, Paulo Celestino, Rodolfo Amorim e Ronaldo Serruya. A direção é de Luiz Fernando Marques e Janaína Leite e a dramaturgia do próprio Grupo XIX e Alexandre Dal Farra (neste ano, vencedor do Prêmio Shell de Teatro de Melhor Autor, por *Mateus 10*).



Espectáculo é baseado em "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues,